

A ACOMODAÇÃO DA LINGUAGEM HUMANA NA DESCRIÇÃO DOS DECRETOS DE DEUS FEITOS NA ETERNIDADE

Saulo Pimentel Wulhynek¹
Juan de Paula Santos Siqueira²

RESUMO: Este artigo aborda sobre as dificuldades inerentes à tentativa humana de descrever, por meio da linguagem, os decretos eternos de Deus. O estudo parte do pressuposto teológico de que Deus é atemporal, enquanto o ser humano está condicionado ao tempo e à linguagem que reflete essa limitação. A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica de autores como Grudem, Calvino e Agostinho, explora como a linguagem, especialmente os verbos e expressões temporais, é insuficiente para expressar realidades que transcendem o tempo, como a eternidade de Deus e seus decretos. O estudo analisa exemplos bíblicos e demonstra que expressões como “de eternidade em eternidade” ou “antes da fundação do mundo” são tentativas humanas de traduzir conceitos atemporais para um paradigma compreensível, ainda que impreciso. O conceito de “acomodação da linguagem”, segundo Calvino, é central para entender como as Escrituras comunicam verdades divinas em termos acessíveis à mente humana. O artigo conclui que a limitação linguística impacta a formulação de doutrinas e sugere que a compreensão da atemporalidade divina pode oferecer novas perspectivas para debates teológicos, como os que envolvem eleição e predestinação, propondo investigações futuras sobre a relação entre tempo, linguagem e revelação bíblica.

Palavras-chave: linguagem; eternidade de Deus; tempo.

ABSTRACT: This article investigates the inherent difficulties of the human attempt to describe, through language, the eternal decrees of God. The study is based on the theological premise that God is timeless, while human beings are conditioned by time and by a language that reflects this limitation. The research, grounded in a bibliographic review of authors such as Grudem, Calvin, and Augustine, explores how language—especially verbs and temporal expressions—is insufficient to express realities that transcend time, such as the eternity of God and His decrees. The study analyzes biblical examples and demonstrates that expressions like “from eternity to eternity” or “before the foundation of the world” are human attempts to translate atemporal concepts into a comprehensible, albeit imprecise, paradigm. The concept of “accommodation of language,” according to Calvin, is central to understanding how Scripture communicates divine truths in terms accessible to the human mind. The article concludes that linguistic limitation impacts the formulation of doctrines and suggests that understanding divine timelessness can offer new perspectives for theological debates, such as those involving election and predestination, proposing future investigations into the relationship between time, language, and biblical revelation.

¹ Graduando em Teologia – FABAT; Mestre em Engenharia Elétrica – IME/2003; Engenheiro Eletrônico – IME/1996.

² Mestrando profissional em Teologia – FABAPAR; Especialista em Teologia e Ministério Pastoral – ULBRA/2021; Bacharel em Teologia – STBSB/2006.

Key-words: language; eternity of God; time.

1 INTRODUÇÃO

A Teologia Sistemática é o ramo da Teologia que busca organizar os temas abordados na Bíblia por tópicos, objetivando apresentar a doutrina de forma mais didática. Dentre tais temas encontram-se os atributos de Deus, divididos nesta disciplina em atributos comunicáveis e atributos incommunicáveis.

A *eternidade* é um desses atributos incommunicáveis, que o Dr. Wayne Grudem (2022) define assim: “Deus não tem princípio, nem fim, nem sucessão de momentos em seu próprio ser e percebe todo o tempo com igual realismo; ele, porém, percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo.”³ Mais adiante, ele ainda acrescenta que, antes da criação, “Deus existia de modo atemporal. A eternidade/existência atemporal de Deus tem sido a visão dominante da ortodoxia cristã ao longo da história da igreja”⁴.

Por outro lado, o tempo foi criado por Deus e nós, seres humanos, sua criação, estamos limitados a ele. Chama tanto a atenção, que muitos filmes de ficção científica abordam o tema “viagem no tempo”, tentando apresentar a possibilidade de se deslocar pelo tempo, seja para o futuro, seja para o passado ou, no que se imagina, estando em realidades paralelas. Porém, poucos são os filmes que buscam ilustrar o ser humano fora do seu contexto temporal, uma vez que imaginar tal situação é extremamente difícil para a mente humana.

Além disso, por ser uma criatura limitada, o homem tem dificuldades de entender Deus, como afirma Grudem (2022): “Como Deus é infinito, e nós, finitos e limitados, jamais poderemos compreender plenamente a Deus”⁵ e, ainda, “Se pretendemos conhecer a Deus, é necessário que ele se revele a nós”⁶. Citando Irineu no Livro IV de *Contra as Heresias*, Calvino (2022) escreve: “Nesse sentido escreve Irineu que o Pai, que é Infinito, é finito no Filho, porquanto se acomodou à nossa pouca medida, para que nossa mente não seja absorvida na imensidade de sua glória”⁷. Assim, o que entendemos de Deus é apenas uma amostra do que Ele é e o que conseguimos compreender disso.

Para além da limitação do entendimento, está a limitação na expressão de formulação de conceitos a respeito de Deus. Como exemplo, o dicionário Michaelis (2009) online define *eternidade* como algo de “duração sem princípio nem fim”⁸. Porém, as definições teológicas da eternidade de Deus são diferentes como apresentado anteriormente. Agostinho (2015) reforça esse pensamento: “Esforça-se por saborear as coisas eternas, mas o seu pensamento ainda volta ao redor das ideias, ideias da sucessão dos tempos passados e futuros e, por isso, tudo o que excogita é vão”⁹.

Sobre essa dificuldade de por meio da linguagem expressarem-se as características de Deus, Calvino (2022) usa a expressão “acomodar”¹⁰, afirmando:

³ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: completa e atual**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3.

⁴ *Ibid.* Cap 11, B 3 b

⁵ *Ibid.* Cap 10, B

⁶ *Ibid.* Cap 10, A

⁷ *apud.* CALVINO, João. **As institutas**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap VI

⁸ MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

⁹ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. p. 301

¹⁰ No Glossário do livro Teologia Sistemática do Dr Wayne Grudem está a definição “acomodação: A teoria de

“Por isso, formas de expressão como essas não exprimem, de maneira clara e precisa, o que Deus é, mas acomodam o conhecimento que temos dele à pobreza de nossa compreensão.”¹¹

Um outro ponto a perceber é que toda a linguagem humana é baseada em uma classe de palavras chamada verbo, que define uma ação, um estado ou um fenômeno. Em português, quando um verbo está nos tempos presente do indicativo, imperativo e infinitivo ele pode ser considerado atemporal. Mesmo nessa forma, define um fato que, quando for levado a cabo, ocorrerá dentro de um contexto temporal.

Esses aspectos relacionados à eternidade de Deus – limitação humana no tempo, dificuldade de entender, formular e expressar conceitos a respeito de Deus – levam a alguns questionamentos: Dado que o tempo faz parte da criação de Deus e, portanto, Deus não está preso a ele, como o ser humano consegue perceber a sua atuação além da linha do tempo? Além disso, visto que a linguagem humana é baseada em verbos que descrevem ações que são, na sua essência, movimentos feitos no tempo, como os decretos de Deus feitos na sua atemporalidade são descritos pela linguagem humana? Qual o grau de precisão de tais descrições?

A justificativa da importância da presente discussão fica evidenciada em alguns debates doutrinários que não cessam no seio da Igreja Batista, como a antiga polarização entre Calvinismo e Arminianismo, em que um dos tópicos debatidos é a doutrina da eleição. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira explica essa doutrina à luz da onisciência de Deus. No entanto, ao estudar o tema eternidade de Deus no contexto da disciplina de Teologia Sistemática, percebe-se que o tempo foi criado por Deus e, por isso, Ele não está preso ao tempo. Assim, perde o sentido afirmar que Deus determinou uma coisa antes de outra, pois não precisa tomar decisões limitadas pelo tempo. Essas afirmações se mostram óbvias, mas apontam para uma nova variável que precisa ser considerada no momento de avaliar essa doutrina, qual seja, a atemporalidade de Deus.

As consequências desse conceito vão, muitas vezes, além da compreensão humana e se torna difícil, para o homem, perceber se um decreto de Deus foi feito no tempo ou fora dele. No que tange à linguagem humana, como é baseada em verbos que expressam ações e movimentos no tempo, ela se torna muitas vezes ineficiente e imprecisa para descrever com exatidão os decretos de Deus feitos na eternidade. A essa imprecisão, o teólogo João Calvino chama de acomodação da linguagem, como já descrito acima.

Assim, o objetivo do trabalho é evidenciar a dificuldade do ser humano em entender a relação da eternidade de Deus com o tempo e identificar as limitações da linguagem humana em expressar isso, sobretudo nos textos bíblicos referentes aos decretos de Deus.

O presente trabalho explora, por meio de uma revisão bibliográfica, os conceitos de tempo para o homem, eternidade para Deus, o relacionamento de Deus com o tempo e a limitação da linguagem humana. A partir daí, analisa alguns textos bíblicos que apresentam decretos de Deus feitos no seu contexto atemporal, ou seja, na sua eternidade. À luz da dificuldade da linguagem humana para expressar conceitos a respeito de Deus, evidencia como a linguagem foi acomodada pelos

que às vezes os autores bíblicos casualmente afirmaram inverdades cridas pelas pessoas de sua época para não obscurecer ideias mais amplas que estavam tentando transmitir.” (Wayne Grudem, Teologia sistemática: completa e atual, 5B.4). Este trabalho não empregará este significado. O significado aqui utilizado é o de Calvino, na obra citada, buscando se referir a máxima capacidade que a língua humana consegue alcançar.

¹¹ CALVINO, João. **As institutas**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap XIII 1.

autores bíblicos para expressar e transmitir tais decretos.

2 O HOMEM E O TEMPO

Ao longo da história, o homem tem procurado entender e definir o que é o tempo. Ele sempre foi algo intrigante e difícil de ser explicado. Desde as mais antigas civilizações, até os filósofos e físicos do nosso tempo, diferentes grupos tiveram diversas percepções a respeito dele. Agostinho (2015) expressa esta dificuldade em elaborar um conceito sintético e conciso sobre o tempo em sua obra *Confissões*: “Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreendê-lo, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito?”¹².

Os fenômenos da natureza foram os primeiros marcos para a percepção e contagem do tempo. Gênesis 1.5 apresenta umas das primeiras medidas de tempo: o dia. “Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia”¹³. Assim como o dia, as fases da lua e as estações do ano formaram indicações claras da sucessão de momentos ou períodos.

Uma tentativa de explicar o tempo foi através dos mitos. Mitos eram lendas e histórias que buscavam explicar fenômenos da natureza que as pessoas não podiam compreender¹⁴. Assim, na mitologia Grega por exemplo, Cronos era o deus que representava o tempo. Saturno era o seu correspondente na mitologia Romana. Da mesma forma, nos mais diversos povos antigos, existiam deidades que representavam o tempo¹⁵.

É importante olhar de forma um pouco mais detalhada as concepções de tempo de três antigos povos: os egípcios, os gregos e os judeus. Seus conceitos são importantes para este estudo, uma vez que a Bíblia veio do povo judeu, que foi influenciado pelos gregos, sobretudo no período interbíblico e porque Abraão, logo no início de sua peregrinação pela terra de Canaã, precisou ir para o Egito para se alimentar, devido a fome na terra.

No que tange aos egípcios, Sales (2006) apresenta que aquela cultura possuía, pelo menos, três concepções a respeito do tempo e que, tais concepções variavam de acordo com o referencial¹⁶.

A primeira, chamada “*neheh*” é uma concepção Cíclica do tempo “derivava da repetição periódica (desejada eternamente periódica) de uma série de ritmos naturais, externos ao homem, imprescindíveis para a boa ordem (*maet*) do universo e da sociedade”¹⁷. Sales (2006) ainda detalha que esses ritmos se referem a eventos da natureza que podem ser observados de forma palpável e objetiva, sendo bem similar às características de uma observação científica. Ele apresenta três marcas dessa cadência natural do tempo: a sucessão ou alternância entre noite e dia, a alternância entre as estações do ano e o fenômeno de inundação anual do rio Nilo, importante fator de riqueza do Egito, pela fertilidade que trazia à terra. Cabe ressaltar que os fatores fenomenológicos observados vinham acompanhados de uma explicação mítica.

A segunda concepção de tempo do antigo Egito era a Linear, chamada de “*djet*”, que é aplicada ao cosmos e ao indivíduo. Com relação ao cosmos, refere-se a

¹² AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. E-book. p. 303.

¹³ BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gn 1.5

¹⁴ BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. 26ª Edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 355

¹⁵ *Ibid.* p. 353

¹⁶ SALES, J. C. Concepção e percepção de tempo e de temporalidade no Egito Antigo. *Cultura*, v. 23, 2006.

¹⁷ *Ibid.*

ideia de que cada dia é uma repetição do primeiro dia da criação.

A criação do mundo, ao instituir a Ordem e as suas potências ... relegou as forças do Caos para segundo plano. A partir de então, essas forças e os seus agentes passaram a espreitar continuamente a organização do universo, tentando interromper/romper com a *maet* estabelecida¹⁸.

Aplicada ao indivíduo, refere-se à duração da existência humana na Terra e, depois, à sua existência na eternidade.

Já a terceira concepção de tempo é a Concepção Imóvel ou Estacionária. Para a antiga civilização egípcia, “no Além, não há passado, nem futuro. Só eternidade, infinito, eterno presente...”¹⁹. Ou seja, uma concepção atemporal da eternidade para o ser humano. Para eles, o homem na eternidade “está fora do tempo, visto que este não contribui para a sua existência nem para a sua organização”²⁰.

Em seu livro intitulado *Cristo e o Tempo*, Cullmann (2003) dá uma breve descrição dos conceitos de tempo dos gregos e judeus. O objetivo do autor é provar que a história da salvação ocorre na linha do tempo e, por este motivo, ele estuda o conceito de tempo desses dois povos, pelas razões apresentadas acima.

Assim, com relação aos gregos, Cullmann (2003) explicita que, o helenismo tem uma concepção cíclica do tempo.²¹ Além disso, acrescenta que essa concepção é puramente uma especulação filosófica.²² No pensamento grego, “o tempo se desenvolve segundo um ciclo eterno onde todas as coisas tornam a acontecer”²³. Isso implica que a “submissão do homem ao tempo ... será necessariamente experimentada como uma escravidão ou uma maldição”²⁴. Nessa senda, por conseguinte, a felicidade consistia na libertação desse ciclo eterno e se daria em uma realidade além, onde não existiria tempo, presente, passado e futuro.

Cullmann (2003) ainda indica que no judaísmo bíblico o tempo é entendido como uma linha ascendente infinita²⁵. No calendário judaico, atribui-se o ano I ao início da criação, e a contagem segue a partir deste ponto.²⁶ Assim, essa ascendência se revela na progressiva realização do cumprimento do plano divino, em direção ao alvo situado na parte superior dessa linha, constituindo na totalidade da história.²⁷ Além disso, para os cristãos primitivos, essa noção de tempo como uma linha infinita também é uma verdade fundamental²⁸ de tal forma que “o caráter nitidamente temporal de todas as afirmações de fé no Novo Testamento está ligado a importância relacionada ao tempo pelo pensamento judaico”.²⁹

Além desses povos antigos, várias outras formulações foram elaboradas acerca do tempo. No campo da filosofia, pode-se começar a citar a definição de Aristóteles, que diz que o “tempo é o número do movimento em relação ao antes e

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Ibid.*

²¹ CULLMANN, Oscar. *Cristo e o Tempo*. São Paulo: Custom, 2003. p. 90

²² *Ibid.* p. 89

²³ *Ibid.* p. 90

²⁴ *Ibid.* p. 90

²⁵ *Ibid.* p. 89

²⁶ *Ibid.* p. 55

²⁷ *Ibid.* p. 92

²⁸ *Ibid.* p. 89

²⁹ *Ibid.* p. 79

depois”³⁰. Paiva (2021) chama essa definição de canônica e ressalta que Aristóteles emprega termos como “movimento”, “número”, “antes” e “depois” na busca por uma definição mais científica e menos mítica.³¹ Por outro lado, para Platão, o tempo é “certa imitação móvel da eternidade ... que progride segundo a lei dos números”³². Martins (2004) explica que, para Platão, o tempo é associado a ideia de mudança, enquanto a eternidade, à ideia de imutabilidade e atemporalidade; o autor expõe também que enquanto para Aristóteles o tempo é infinito nos dois sentidos, passado e futuro, para Platão, o tempo foi criado por Deus, sendo finito no seu início.³³

Por seu turno, Agostinho (2015) dedica o Livro XI das suas *Confissões* para discutir sobre “O Homem e o Tempo”. Ele expõe a sua dificuldade em expressar a sua definição de tempo, e contesta a existência de passado e futuro, visto que o primeiro já não existe mais e o segundo ainda não veio a existir.

É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.³⁴

Ele entende que intervalos de tempos podem ser medidos e comparados, mas também estão sujeitos à percepção humana.³⁵ Contesta a definição de tempo baseada no movimento dos astros e argumenta: “Ninguém me diga, portanto, que o tempo é o movimento dos corpos celestes. Quando com a oração de Josué o sol parou, a fim de concluir vitoriosamente o combate, o sol estava parado, mas o tempo caminhava”³⁶. Agostinho conclui que o tempo é uma “distensão”³⁷, termo usado por Plotino, na forma grega *diástasis*, no sentido de dilatação³⁸.

Podemos ainda citar os físicos da ciência moderna, tais como Galileu Galilei, que abordou o tempo como “uma quantidade mensurável no estudo dos movimentos”³⁹ e sua representação gráfica do tempo com um segmento de reta, René Descartes com “o tempo como número e medida”⁴⁰ e Isaac Newton, que elevou “o tempo à categoria de um absoluto, separando-o de sua medida” e a sua “analogia entre o tempo e uma linha reta geométrica”⁴¹.

Mesmo sem aprofundar muito no contexto, é importante destacar que Teoria

³⁰ *Apud* PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filogênese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. p. 111

³¹ PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filogênese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. p. 113

³² *Apud* MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard**. 2004. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 92

³³ MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard**. 2004. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 92

³⁴ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. E-book. p. 310

³⁵ *Ibid.* p. 304

³⁶ *Ibid.* p. 314

³⁷ *Ibid.* p. 317

³⁸ *Ibid.* p. 420

³⁹ PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filogênese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. p. 69

⁴⁰ *Ibid.* p. 70

⁴¹ *Ibid.* p. 70

da Relatividade de Einstein “prevê uma dilatação de tempo na presença de um campo gravitacional” e que as teorias da mecânica quântica relacionadas à noção de tempo, fizeram surgir ideias tais como “tempo imaginário” do físico Stephen Hawking e de “viagem no tempo” cabíveis dentro da teoria da relatividade em geral⁴².

Assim, como descrito, são diversas as noções a respeito do tempo e não há uma certeza na sua definição. O homem convive com essas ideias e, por vezes, se vê fascinado, por exemplo, com a possibilidade de se livrar do jugo do tempo expresso pelo conceito dos gregos por meio de uma viagem no tempo.

3 O HOMEM E SUA LINGUAGEM

Os decretos de Deus, motivações da presente pesquisa, chegaram até a atualidade pela transmissão oral e escrita através dos tempos, pois o homem se expressa por meio de linguagem falada e grafada. Esta última, tem os seus registros mais antigos através de desenhos encontrados em cavernas. A partir da invenção da escrita, passou a registrar fatos de uma forma mais detalhada, de acordo com as diversas línguas dos diferentes lugares, dentro das várias culturas. No contexto do presente trabalho, importa analisar o grego koiné e o hebraico, línguas que foram utilizadas para registrar os escritos bíblicos. Além disto, os decretos citados serão analisados a luz do conceito de eternidade, assunto a ser abordado na próxima seção. Assim, esta seção vai relacionar a linguagem escrita com o tempo cronológico.

De forma geral, as linguagens escritas são compostas por diversas partes, o que, no Português, chamamos de palavras. Algumas dessas palavras têm relação com o tempo. Quanto a isso, Freitag (2005) traz uma importante contribuição, informando que “a expressão linguística do tempo é a manifestação de uma característica cognitiva universal: todas as línguas têm em sua gramática um componente responsável pela codificação do tempo cronológico”⁴³. Seu trabalho aborda teorias que visam “explicar como o tempo cronológico passa ao tempo gramatical nas línguas”⁴⁴ traduzindo-se na formação dos tempos verbais.

As ideias, em linguagem, são transmitidas por frases. “Frase é toda unidade linguística (com ou sem verbo) por meio da qual transmitimos, pela fala ou pela escrita, as nossas ideias.” As frases sem verbo são chamadas de frases nominais e transmitem ideias simples tais como: “Feliz aniversário!”, “Atenção!” ou “Cuidado!”. Tais frases não transmitem ideia de ação e não têm a indicação do tempo em que deve ocorrer. Já as frases que possuem verbos são chamadas de frases verbais. Nelas, o verbo é o núcleo da ideia⁴⁵.

Quanto ao verbo, Patrocínio (2015) explica que “é a palavra mais importante do idioma porque funciona, quase sempre, como elemento nuclear dos atos de comunicação. Em torno do verbo se agregam outras palavras para constituir a estrutura dos enunciados”⁴⁶, e ainda define que “verbo é a palavra que, por si só, exprime um fato (em geral, uma ação, um estado ou um fenômeno) e que pode variar sua forma para situar esse fato no tempo”⁴⁷. O autor esclarece que essa é uma definição simplificada porque um verbo pode exprimir um outro fato que não seja

⁴² *Ibid.* p. 83

⁴³ FREITAG, Raquel Meister Ko. As teorias de Reichenbach e de Rojo e Veiga: tempo na frase e tempo no texto. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 2, p. 389-413, jan./jun. 2005. p. 389

⁴⁴ *Ibid.* p. 390

⁴⁵ PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar gramática**. 4. ed. São Paulo: FTD, 2015. 192 p. p. 439

⁴⁶ *Ibid.* p. 340

⁴⁷ *Ibid.* p. 341

necessariamente uma ação, assim como palavras de outra classe gramatical podem também expressar fatos. Porém ele completa, afirmando que “o verbo é o único tipo de palavra que dispõe de flexões [variações de forma] por meio das quais é possível indicar, no tempo, o fato que ele expressa.”⁴⁸.

Cabe ressaltar que, embora o verbo possa ser flexionado para indicar o tempo em que ação ocorre, existe em linguística o conceito de verbo atemporal. Almeida (2021) exemplifica com a frase “Joana não fuma”, explicando que o verbo está no presente do indicativo, mas a oração não indica que a ação está ocorrendo no presente, e sim que é um registro atemporal, “uma vez que ele expressa uma predisposição, e não uma ação que ocorre no momento da fala, como encontrado nas definições correntes para esse tempo” verbal⁴⁹. Da mesma forma, os tempos verbais do infinitivo e imperativo, podem ser aplicados nesta forma atemporal.

Existe, ainda, uma outra classe de palavras que ajuda a localizar o fato (ação, estado ou fenômeno) no tempo. É o advérbio. Patrocínio (2015) o define como “uma palavra invariável que se associa essencialmente ao verbo para indicar diferentes circunstâncias (de tempo, de modo, de intensidade, de lugar, etc.) relativas ao fato verbal.”⁵⁰ No caso em tela, a localização do fato verbal no tempo, aplicam-se os advérbios de tempo, tais como: antes, depois, agora, sempre, nunca, etc.

Por fim, *decreto*, segundo o dicionário Michaelis (2009) online, “é uma determinação escrita por autoridade superior; ato da autoridade eclesiástica; e ato de vontade; desígnio, intenção”⁵¹. Como ordens que são, eles são expressos por verbos e advérbios.

4 A ETERNIDADE DE DEUS

Um dos tópicos esquematizados pela Teologia Sistemática é o estudo sobre Deus e seu caráter. Deus tem muitas características importantes e especiais descritas ao longo da Bíblia. Assim, de forma a tornar didática e sistemática a enumeração e definição de tais características, emprega-se algum tipo de classificação, elaborada a partir de método selecionado, como meio de agrupá-las.

Uma das classificações mais difundidas é a divisão bipartida em atributos comunicáveis e incommunicáveis. Atributos comunicáveis são aqueles que Deus compartilha conosco, “comunica” a nós ou ainda aqueles que podemos e devemos imitar, tais como amor, bondade, misericórdia, conhecimento etc. Já os atributos incommunicáveis são aqueles que Deus não compartilha com outros, ou não “comunica” ou ainda não conseguimos imitar. Trata-se de atributos como onipotência, onisciência, onipresença, eternidade etc. Esta classificação é muito intuitiva, pois qualquer leitor não técnico pode entender, por exemplo, que Deus comunica a nós a sua bondade, mas não a sua onisciência⁵².

Dentre os atributos de Deus, aquele que interessa ao presente estudo é a eternidade. De forma sintética, Berkhof (2012) define eternidade como “a infinidade

⁴⁸ *Ibid.* p. 341

⁴⁹ ALMEIDA, Regislene Dias de. Os usos do presente do indicativo: reflexões teóricas e proposta didática para um estudo contemporâneo da linguagem. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, p. 10-23, abr. 2021. p. 16

⁵⁰ PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. *Aprender e praticar gramática*. 4. ed. São Paulo: FTD, 2015. 192 p. p. 401

⁵¹ MICHAELIS ONLINE. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

⁵² GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: completa e atual*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, A 1

de Deus em relação ao tempo”⁵³. Infinitude é uma característica comum de vários atributos incomunicáveis de Deus. Além disso, na língua Portuguesa, eternidade é definida como “duração sem princípio nem fim; qualidade ou característica do que é eterno; tempo muito longo, duração prolongada (no sentido figurado) ou vida eterna; imortalidade”⁵⁴. Assim, a definição da palavra “eternidade” em português tende a corroborar com a definição desse autor, porém denota o tempo como um padrão para medir a eternidade de Deus.

Neste sentido, Agostinho (2015) declara em suas *Confissões* que “O tempo não pode medir a eternidade”⁵⁵ e elabora declarando que, apesar do pensamento humano se esforçar em imaginar coisas eternas, volta o seu pensamento a uma sucessão de momentos e continua:

Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido de um passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam daquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo nem passado nem futuro? Poderá, porventura, a minha mão que escreve explicar isto? Poderá a atividade da minha língua conseguir pela palavra realizar empresa tão grandiosa?⁵⁶

Berkhof (2012) oferece uma explicação:

A forma em que a Bíblia apresenta a eternidade de Deus é simplesmente a de duração pelos séculos sem fim, Sl 90.2; 102.12; Ef 3.21. Devemos lembrar, porém, que ao falar como fala, a Bíblia emprega linguagem popular, e não a linguagem da filosofia. Geralmente pensamos na eternidade de Deus da mesma maneira, a saber, como duração infinitamente prolongada, para trás e para diante. Mas esse é apenas um modo popular e simbólico de representar aquilo que, na realidade, transcende o tempo e dele difere essencialmente. A eternidade, no sentido estrito da palavra, é adstrita àquilo que transcende todas as limitações temporais.⁵⁷

O Dicionário Bíblico Wycliffe detalha um pouco a respeito da linguagem bíblica referente a eternidade. Explica que, ao contrário do pensamento filosófico, tanto antigo como moderno, o conceito na Bíblia, sempre está ligado ao tempo, seja uma época específica, ou um período de tempo desconhecido e indivisível. Informa também que “o AT usa a palavra hebraica ‘*olam*’; o NT emprega o termo *aion*. Estas palavras podem referir-se a períodos exatos, como também a durações indefinidas e incalculáveis.” E acrescenta: “O NT grego frequentemente emprega o plural *eis tous aionas*, “pelos séculos,” ou *eis tous aionas ton aionon*, “pelos séculos dos séculos,” para expressar a ideia de eternidade ou para sempre (por exemplo, Rm 1.25; 9.5; 11.36; 16.27)”⁵⁸.

No intuito de esclarecer o conceito e evitar a confusão acima, Grudem (2022) elabora, então, uma definição mais detalhada da eternidade de Deus: “Deus não tem princípio, nem fim, nem sucessão de momentos em seu próprio ser e percebe todo o

⁵³ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book. Cap VI, C 2

⁵⁴ MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

⁵⁵ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. p. 301

⁵⁶ *Ibid.* p. 301

⁵⁷ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book. Cap VI, C 2

⁵⁸ PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 707

tempo com igual realismo; ele, porém, percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo”⁵⁹. O autor prossegue apoiando-se na doutrina da imutabilidade de Deus para dizer que o tempo não o muda e não tem qualquer influência sobre Ele, que Deus não aprende coisas novas, ou ainda, “que o tempo não impõe limites a Deus”⁶⁰. Para detalhar mais a ideia de eternidade, Grudem (2022) explana esta definição por partes, o que será feito a seguir.

A primeira parte afirma que “Deus é eterno em seu próprio ser”⁶¹. Esta assertiva indica que a sua eternidade não depende de fatores externos. A explicação está nem versículos que expressam a eternidade de Deus sempre existindo, tais como “Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.”⁶² (Salmos 90.2); na explanação de Eliú em Jó 36.26 apontando que “o número dos seus anos não se pode calcular”⁶³ ou ainda no decreto de Deus sobre si mesmo “Eu Sou o Que Sou”⁶⁴ em Êxodo 3.14 citado por Jesus em João 8.58: “antes que Abraão existisse, Eu Sou.”⁶⁵ Esses textos expressam uma eternidade imanente de Deus. Observe a linguagem popular citada por Berkhof nos textos apresentados.

A segunda ideia apresentada por Grudem (2022) é que “Deus percebe todo o tempo com igual realismo”⁶⁶. Talvez essa seja uma afirmação de compreensão mais intuitiva, se considerados os atributos de onisciência e onipresença. Salmos 90.4 diz: “Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite”⁶⁷. Este trecho apresenta três comparações que buscam atingir o entendimento humano.

A primeira comparação se refere à questão da memória. O homem ainda pode lembrar das coisas que aconteceu no dia anterior com certa clareza, mas com o passar do tempo os detalhes vão se apagando. Para Deus isso não ocorre, pois sua memória é vívida como o presente.

A segunda comparação contida nesse versículo se refere à percepção da duração do tempo por Deus. Quando o salmista firma que mil anos são como a vigília da noite, refere-se a um período curto de três ou quatro horas pelas quais a sentinela deveria ficar atenta e todos os acontecimentos poderiam ser lembrados e narrados⁶⁸. E, por último, a terceira comparação refere-se a forma como Deus enxerga os acontecimentos dentro da história humana. Na expressão “como o dia de ontem que se foi” indica que Deus entende que o passado ocorreu no passado na história humana e não está ocorrendo no presente. Além disso, Pedro amplia este conceito quando afirma que “para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.”⁶⁹ (2Pe 3.8). A segunda parte desse versículo é repetição do texto de Salmos 90.4, supracitado e explicado, mas a primeira parte introduz a ideia de um dia com comprimento interminável. “Assim, Deus enxerga e conhece todos os

⁵⁹ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3

⁶⁰ *Ibid.* Cap 11, B 3

⁶¹ *Ibid.* Cap 11, B 3 a

⁶² BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Sl 90.2

⁶³ *Ibid.* Jó 36.26

⁶⁴ *Ibid.* Ex 3.14

⁶⁵ *Ibid.* Jo 8.58

⁶⁶ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 b

⁶⁷ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Sl 90.4

⁶⁸ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 b

⁶⁹ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 2Pe 3.8

acontecimentos passados, presentes e futuros com igual realismo”⁷⁰.

A relação entre Deus e o tempo é algo que o ser humano não pode experimentar. Grudem (2022) explica que “Ele tem uma vivência qualitativamente diferente do tempo do que a nossa. Isso é compatível com a ideia de que, em seu próprio ser, Deus é atemporal”⁷¹, explica “Deus de algum modo permanece acima do tempo e é capaz de enxergá-lo no seu todo nitidamente em sua consciência”⁷² e acrescenta “a eternidade/existência atemporal de Deus tem sido a visão dominante da ortodoxia cristã ao longo da história da igreja”⁷³. Esta ideia soa estranha, uma vez que o homem está preso ao tempo. Uma sugestão é estender o conceito de onisciência – Deus sabe todas as coisas – e onipresença – Deus está em todos os lugares – e pensar na eternidade como Deus em todos os tempos e fora do tempo, ao mesmo tempo.

Na terceira parte da definição, Grudem (2022) expressa que Deus “percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo”⁷⁴. Paulo afirma aos Gálatas que “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.”⁷⁵ (Gálatas 4:4-5). O texto evidencia que Deus tinha consciência dos acontecimentos históricos no decorrer do tempo e, no momento oportuno, enviou seu Filho ao mundo, ou seja, agiu no tempo. De forma semelhante, Paulo afirma em Atenas: “... não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou ...”⁷⁶ (Atos 17.30-31). Esta passagem explicita diferentes ações de Deus em tempos distintos de forma peculiar.

Para além da definição da eternidade de Deus, Grudem (2022) busca definir a eternidade no aspecto humano. Ele afirma que “sempre existiremos no tempo”⁷⁷. Para justificar sua afirmação, lança mão de versículos do livro do Apocalipse, tais como Apocalipse 22.5 que afirmam que “não haverá noite ... porque o Senhor Deus brilhará sobre eles”⁷⁸ também afirmado em Apocalipse 21.23,25. Ele argumenta ainda com fatos narrados na visão de João, tais como “E lhe trarão a glória e a honra das nações”⁷⁹ (Apocalipse 21.26), “As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.”⁸⁰ (Apocalipse 21.24), “... os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono ...”⁸¹ (Apocalipse 4.10) e “...a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês...”⁸² (Apocalipse 22.2), todas cenas ocorrendo dentro de um paradigma temporal.

⁷⁰ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 b

⁷¹ *Ibid.* Cap 11, B 3 b

⁷² *Ibid.* Cap 11, B 3 b

⁷³ *Ibid.* Cap 11, B 3 b

⁷⁴ *Ibid.* Cap 11, B 3 c

⁷⁵ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gl 4.4-5

⁷⁶ *Ibid.* At 17.30-31

⁷⁷ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 d

⁷⁸ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Ap 22.5

⁷⁹ *Ibid.* Ap 21.26

⁸⁰ *Ibid.* Ap 21.24

⁸¹ *Ibid.* Ap 4.10

⁸² *Ibid.* Ap 22.2

Por fim, cabe ressaltar que o relacionamento entre Deus e o tempo será abordado de forma mais detalhada na próxima seção. Porém, era necessário definir bem o conceito de eternidade, o que não poderia ser feito sem que o tempo fosse considerado.

5 DEUS E O TEMPO

Enquanto o objetivo da seção anterior foi definir a eternidade de Deus, o objetivo da presente seção é explorar o relacionamento de Deus com o tempo. Em parte, isso já começou a ser realizado na seção anterior quando descrito, por exemplo, como Ele age no tempo. Ficou evidente que é quase impossível falar da eternidade de Deus sem citar o tempo, mesmo que este não seja um padrão para medir aquela. Também ficou evidente da seção anterior que o relacionamento de Deus com o tempo é algo difícil para o ser humano entender. Isso não significa que sejam conceitos impossíveis, uma vez que Deus é ilimitado e nós extremamente limitados. Um fato importante a ser ressaltado é que o tempo é criação de Deus⁸³. Grudem (2022) argumenta que “antes que Deus fizesse o universo, não havia matéria, mas então ele criou todas as coisas (Gn 1.1; Jo 1.3; 1Co 8.6; Cl 1.16; Hb 1.2)”⁸⁴. Pelas teorias da Física moderna, sabemos que “o espaço é um componente da existência material e o tempo, a sequência das transformações da matéria. Assim, o espaço e o tempo passam a ser concepções indissociáveis”⁸⁵. Talvez seja por esse motivo que o ser humano, desde a criação, conta o tempo pelo movimento dos astros como está em Gênesis 1.5 “Houve tarde e manhã, o primeiro dia”⁸⁶.

Diante do exposto, se Deus criou toda a matéria, Ele também criou o tempo, mesmo que a Bíblia não diga isso literalmente. Grudem (2022) continua “No princípio” (Gn 1.1) então não aponta somente para o tempo em que Deus criou o universo, mas também para o início do tempo”⁸⁷ e conclui que “quando Deus começou a criar o universo, o tempo começou, e começou a haver uma sucessão de momentos e acontecimentos um após o outro”⁸⁸.

Por outro lado, Grudem (2022) também argumenta que não é necessária a teoria da Física para chegar à conclusão acima, pois “intérpretes renomados das Escrituras entenderam as primeiras palavras da Bíblia, “No princípio”, como referência ao início do tempo em si”⁸⁹. Um outro aspecto importante, e que corrobora com a ideia da atemporalidade de Deus, é que antes “de haver um universo, e antes de haver o tempo, Deus sempre existiu, sem início e sem ser influenciado pelo tempo”⁹⁰.

A questão que surge é se faz sentido falar de antes do tempo existir. “Antes” é um advérbio de tempo e a expressão está indicando algo que ocorreu em um momento anterior. Mas se esse momento não existiu pois não existiu tempo, trata-se de algo a ser imaginado em um tempo não real, pela incapacidade da linguagem em expressar tal fato. Nesse sentido, Grudem (2022) também afirma que “as Escrituras falam de

⁸³ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a

⁸⁴ *Ibid.* Cap 11, B 3 a

⁸⁵ VIEIRA, Paulo Freire. O tempo-espaço: ficção, teoria e sociedade. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2003.

⁸⁶ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gn 1.5

⁸⁷ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a

⁸⁸ *Ibid.* Cap 11, B 3 a

⁸⁹ *Ibid.* Cap 11, B 3 a

⁹⁰ *Ibid.* Cap 11, B 3 a

acontecimentos “antes do tempo”⁹¹ e aponta a objeção do filósofo cristão, William Craig, com argumentação semelhante, para quem “a palavra “antes” é incompatível com o estado da atemporalidade”⁹². Grudem (2022) considera “dizer que a Bíblia em si usa esse tipo de linguagem para nos informar coisas que se aplicavam a Deus “antes” da criação e mesmo antes do tempo”⁹³. Tal pensamento corrobora com a informação de Berkhof (2012) sobre a linguagem popular⁹⁴ usada na Bíblia e, na mesma senda, com a ideia de acomodação da linguagem de Calvino (2022)⁹⁵.

Como exemplos de textos bíblicos que falam de Deus antes da criação temos Judas 1.25 que diz “ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos.”⁹⁶; Paulo escreve a Timóteo falando sobre como Deus “nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos”⁹⁷ (2 Timóteo 1.9) e ainda, escrevendo a Tito, fala na sua saudação da “esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos”⁹⁸ (Tito 1.2). Apesar da expressão “tempo antes dos tempos” não ter um sentido lógico, é usada para dizer que “Deus sempre existiu antes que houvesse tempo”⁹⁹.

6 EXEMPLOS DE ACOMODAÇÃO DA LINGUAGEM

Ao longo do estudo, os conceitos de tempo, linguagem e eternidade com relação da Deus e ao homem foram trabalhados. Cumpre agora apresentar exemplos nas escrituras sagradas que apontem para a insuficiência da linguagem humana na expressão da identidade de Deus ou seus decretos feitos na eternidade, ou seja, no seu paradigma atemporal.

Um primeiro exemplo a ser citado é a expressão “de eternidade em eternidade”. Tal expressão aparece em muitos textos sagrados, tais como Salmos 41.13; 90.2; 103.17; 106.48; Daniel 2:20; 7.18; Neemias 9.5 e 1 Crônicas 16.36; 29.10. Muitos desses textos estão em linguagem poética, como no caso dos Salmos, ou simbólica, no caso de Daniel. Se a eternidade para nós será um tempo infinito para frente e para Deus denomina uma situação atemporal, essa expressão deseja acomodar das duas ideias.

No mesmo sentido, um segundo exemplo é a expressão já citada “pelos séculos dos séculos”, em Gálatas 1.5; 1 Timóteo 1.17; 2 Timóteo 4.18; Filipenses 4.20; Romanos 16.27; 1 Pedro 4.11; 5.11; Apocalipse 1.6, 18; 4.9-10; 5.13; 7.12; 10.6; 11.15; 14.11; 15.7; 19.3; 20.10; 22.5, que busca expressar um tempo infinito.

O terceiro exemplo é o uso da construção “desde a eternidade”, que aparece, por exemplo, em Provérbios 8.22-23 e Salmos 25.6; 55.19; 93.2, apontando para a eternidade atemporal de Deus. Em especial, dois textos chamam a atenção. O

⁹¹ *Ibid.* Cap 11, B 3 a

⁹² *Apud.* GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a

⁹³ GRUDEM, Wayne. *Op.cit.* Cap 11, B 3 a

⁹⁴ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book. Cap VI, C 2

⁹⁵ CALVINO, João. **As institutas**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap XIII 1

⁹⁶ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Jd 1.25

⁹⁷ *Ibid.* 2Tm 1.9

⁹⁸ *Ibid.* Tt 1.2

⁹⁹ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a

primeiro está em 1Coríntios 2.7, no qual Paulo fala da “sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória;”¹⁰⁰, ou seja, ele cita uma característica de Deus existente em seu ser na sua atemporalidade. O outro texto está em Miquéias 5.2 e trata da profecia do Messias: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”¹⁰¹. Em especial significado, expressa o plano de salvação determinado por Deus em seu próprio paradigma.

O quarto exemplo refere-se à declaração de Deus sobre si mesmo. Em Êxodo 3.14, Deus se identifica a Moisés dizendo “Eu Sou o Que Sou”¹⁰². Mais tarde, Jesus diz sobre si mesmo que “antes que Abraão existisse, Eu Sou”¹⁰³ (João 8.58). Este segundo texto é uma clara referência ao decreto de Deus sobre si mesmo feito na eternidade. Repare que o tempo verbal usado no Português está na primeira pessoa do presente do indicativo que, conforme descrito em seção anterior, tem um caráter atemporal por não determinar em qual tempo a ação será executada. Neste caso, porém, quando Jesus cita o tempo antes de Abraão, ele faz referência a atemporalidade de Deus.

No texto de Judas 1.25 aparece mais uma forma de referência a eternidade de Deus: “antes de todas as eras”¹⁰⁴. Uma forma semelhante a essa é “antes dos tempos eternos”¹⁰⁵ que aparece em 2Timóteo 1.9 e Tito 1.2. Os dois versículos tratam de um tema importante no contexto da atemporalidade de Deus: o plano de salvação. Em 2Timóteo 1.9, Paulo diz que Deus “nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos”¹⁰⁶ e em Tito 1.2, diz que a “vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos”¹⁰⁷.

Por último, citam-se dois textos, relacionados à eleição e predestinação, temas que têm alimentado muitas discussões no meio teológico. O primeiro está em Romanos 8.29-30, que diz: “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou ... E aos que predestinou, a esses também chamou; ...”¹⁰⁸. Este texto usa os verbos predestinar e escolher no passado, ou seja, dando a entender que foi algo que ocorreu na linha do tempo. Porém, o mesmo autor, Paulo, escrevendo aos Efésios diz: “assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo...”¹⁰⁹ (Efésios 1.4-5). Aqui Paulo não deixa dúvida que a escolha e predestinação não ocorre na linha do tempo e sim na atemporalidade de Deus, uma vez que, como já exposto, o tempo foi criado por Deus.

¹⁰⁰ BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 1Co 2.7

¹⁰¹ *Ibid.* Mq 5.2

¹⁰² *Ibid.* Ex 3.14

¹⁰³ *Ibid.* Jo 8.58

¹⁰⁴ *Ibid.* Jd 1.25

¹⁰⁵ *Ibid.* Tt 1.2

¹⁰⁶ *Ibid.* 2Tm 1.9

¹⁰⁷ *Ibid.* Tt 1.2

¹⁰⁸ *Ibid.* Rm 8.29-30

¹⁰⁹ *Ibid.* Ef 1.4-5

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo evidencia-se que o ser humano tem muita dificuldade de entender profundamente que Deus não está preso ao tempo. Isso é devido a própria natureza humana criada no contexto temporal. Ao perceber Deus, o homem elabora descrições temporais de seus decretos e atos, pois a linguagem humana é incapaz de expressar com exatidão decretos feitos por Deus no seu paradigma atemporal. Por isso são usadas expressões poéticas como “de eternidade em eternidade” ou referências a um tempo em que não existia tempo, como em “antes da criação do mundo”. Tal linguagem é imprecisa e aponta para a necessidade de avaliar o impacto desta linguagem popular, com a qual a Bíblia foi escrita, na formulação de doutrinas bíblicas.

Os resultados da pesquisa ampliam o conhecimento e fornecem novas ferramentas para a Teologia Sistemática. Assim, por exemplo, se a doutrina da eleição e a predestinação costumam ser harmonizadas com o livre arbítrio usando a onisciência de Deus, este trabalho oferece uma nova forma de harmonia, pois o livre-arbítrio do homem ocorre no tempo e a escolha de Deus fora dele.

Dessa forma, a pesquisa sugere investigações futuras em temas ainda em discussão no campo Teologia Sistemática, que possam ser avaliados dentro e fora do paradigma temporal.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 19 nov. 2024.

ALMEIDA, Regislene Dias de. Os usos do presente do indicativo: reflexões teóricas e proposta didática para um estudo contemporâneo da linguagem. **Estudos Linguísticos**, v. 50, n. 1, p. 10-23, abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/2899/1938/12187>. Acesso em: 28 abr. 2025.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2025.

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CALVINO, João. **As institutas**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap XIII 1.

CRAIG, William L., “A critique of Grudem’s formulation & defense of the doctrine of eternity”, **Philosophia Christi** 19, n. 1 (Spring 1996): 33-8.

CULLMANN, Oscar. **Cristo e o Tempo**. São Paulo: Custom, 2003. 288 p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017

FREITAG, Raquel Meister Ko. As teorias de Reichenbach e de Rojo e Veiga: tempo na frase e tempo no texto. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 2, p. 389-413, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/f4yCHfjQhJ7TzpPd6bfnWrx/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2025.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: completa e atual**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard**. 2004. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30112004-183841/pt-br.php>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filogênese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/aristoteles-e-o-tempo-a-triade-relacional-entre.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.

PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar gramática**. 4. ed. São Paulo: FTD, 2015. 192 p.

PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 707

PLATÃO **Timeu e Crítias ou A Atlântida**. Trad. Noberto de Paula Lima, São Paulo, Hemus.1981.

SALES, J. C. Conceção e percepção de tempo e de temporalidade no Egito Antigo. **Cultura**, v. 23, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/1282>. Acesso em: 5 mar. 2025.

VIEIRA, Paulo Freire. O tempo-espço: ficção, teoria e sociedade. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/ZWtXgf3cBtTbzJBRHFrX4BN/>. Acesso em: 1 mai. 2025.